

Senhor Presidente da Câmara de Lisboa,

Meu Caro Amigo

Senhor Ministro da Justiça, da Segurança

e dos Direitos Humanos da Argentina, que nos

dá a honra da sua presença

Senhor Secretário-Geral da Casa da América, Dr. Mário Quartin Graça

Senhores Embaixadores

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

1. Quero começar por agradecer o convite que me foi feito pelo Presidente da Câmara de Lisboa e pelo Secretário-Geral da Casa da América Latina, Dr. Mário Quartin Graça, para participar no acto solene do seu décimo aniversário e usar da palavra por essa ocasião. É uma grande honra, para mim.

2. Sou um amigo da América Latina, que conheço relativamente bem e onde conto muitos amigos, alguns altamente colocados no vértice dos respectivos Estados.

3. Quando me pediram para dar um título à modesta conferência que me cumpre proferir, dei espontânea e imediatamente um, que revisto agora, com um pouco mais de cuidado, me parece um pouco impróprio: "a Revolução Democrática e Pacífica da América Latina".

4. Impróprio porquê? Pela ambiguidade da palavra Revolução, que tem diversas acepções, a que acrescentei dois adjectivos que também eles enfermam de certa ambiguidade: democrática e pacífica.

5. Eu explico. Sou um admirador da América Latina, desde 1970, ano em que a visitei pela primeira vez. Não todos os Estados, mas bastantes. Conheço também os grandes autores latino-americanos, assim chamados na Europa, embora todos diferentes entre si: de um Borges a um Octávio Paz, de um Jorge Amado a um Darcy Ribeiro e a um Garcia Marquez, de um Mário Vargas Llosa, a um Carlos Fuentes para só citar alguns que conheço - ou conheci - pessoalmente. Pertencem todos a um mosaico de culturas diferenciadas, originalíssimas, com duas línguas comuns: o espanhol e o português, que aliás se entendem mutuamente, com uma religião mais ou menos comum - o cristianismo - sobre um fundo étnico e cultural riquíssimo, que subsiste, também ele diferenciado e distribuído pelas diferentes nacionalidades.

6. A América Latina - ou Ibero América, como os espanhóis gostam de dizer - tem traços específicos, que a distinguem das outras regiões do Mundo, embora seja muito variada entre si, visto que vai do México, no sul da América do Norte, à América Central, às Caraíbas e à América do

Sul, cada uma delas integrando diversas sub-regiões com políticas, culturas e nacionalidades próprias. Daí a sua imensa riqueza e complexidade.

7. Quando visitei a América Latina, no início da década de 70, com a curiosidade de um português desperto para a política, na luta contra a ditadura de Salazar, a maior parte dos Estados latino-americanos era governada por ditaduras militares, inspiradas pelos teóricos da Escola de Chicago. Com as exceções honrosas do Chile, na fase final de Allende, da Venezuela, da Costa Rica e do México. Cuba, com Fidel Castro e no post Baía dos Porcos, era um caso diferente e uma exceção absoluta.

O domínio dos Estados Unidos sentia-se, mais ou menos, por toda a parte, mas as populações eram declaradamente anti-gringos, como lhes chamavam, com desprezo.

8. Nos anos 80, devido à influência, em parte, do êxito da Revolução dos Cravos, em Portugal e da "transição democrática" espanhola, houve um movimento geral de democratização em quase todos os países latino americanos. As ditaduras terminaram e foram substituídas por regimes democráticos e pluralistas, mais ou menos plutocráticos e economicamente bastante dependentes dos Estados Unidos, embora com diferenças acentuadas de uns para os outros. Pinochet, um cruel ditador, tinha substituído Allende. Anos depois surgiu o Mercosur, influenciado pelo sucesso do Mercado Comum Europeu, depois transformado em União Europeia.

Contudo, a Europa não deu ao Mercosur a resposta - e o apoio - que poderia ter dado, fechada como estava pelos seus próprios interesses egoístas, de que a PAC foi um mau exemplo.

9. Curiosamente, foi durante os anos dos mandatos do Presidente Bush que a América do Norte - absorvida pelas guerras que desencadeou no Afeganistão, com o apoio infeliz da NATO, e no Iraque, por decisão unilateral, com todas as consequências negativas que daí resultarem para a potência dita hegemónica, que a América Latina deixou de ser "o pátio das traseiras" - como diziam - do seu grande vizinho do norte, tendo muitos países latino-americanos adquirido uma efectiva autonomia, em relação aos Estados Unidos.

Talvez, por isso, a América do Norte resolveu recentemente reactivar a IV frota, com sede na Florida e que actua na Região, e o Brasil contratou com a França a transferência de tecnologia para construir no Brasil o primeiro submarino atómico para "defesa - segundo explicou - da sua extensa zona costeira", onde acaba de descobrir imenso petróleo.

Aliás, o Brasil e a Argentina resolveram pagar as suas importações nas moedas nacionais e não em dólares, o que é sintomático. E na Reunião de Santiago do Chile, que se realizou há pouco tempo, foram os países latino-americanos vizinhos que, em reunião conjunta, impediram a Bolívia de cair na guerra civil, encontrando um consenso entre Evo Morales e os seus opositores. Sem qualquer intervenção dos Estados Unidos. Outro sinal importante.

10. A América Latina tem vindo a crescer economicamente - e em certos países, como o Brasil, também socialmente - nos últimos oito anos, numa média de 6% ao ano, desde 2003 a 2007, como indica a CEPAL. Com o controle da inflação e algum aumento de emprego.

A crise do capitalismo financeiro especulativo, que teve, como se sabe, o seu epicentro na América do Norte e está a atingir fortemente a Europa e alguns países emergentes como a Rússia, a China e a Índia, não teve incidências, até agora, significativas, na América Latina.

Em São Paulo, capital financeira do Brasil, houve um problema com um banco, o que provocou uma rápida intervenção do Banco Federal. Veremos como a situação vai evoluir, porque o Brasil é um país emergente, que é visto hoje - e bem - como um grande parceiro económico à escala mundial. O que o poderá tornar mais vulnerável à crise.

11. Quando falo em revolução na América Latina refiro-me a uma mudança radical que tem vindo a verificar-se mais no Sul do que, por exemplo, no México - um extraordinário país com imensas riquezas naturais e uma enorme pujança cultural e artística - envolvido numa crise política e social, de droga e corrupção policial, de grande gravidade. Numa entrevista recente publicada no El País, no suplemento Babélica, Carlos Fuentes, diz que "ter segurança com democracia, vai ser o grande desafio do México". E acrescenta: "temo por uma solução autoritária, que não quero". O que é grave, porque Fuentes habituou-nos a pesar as palavras que diz.

Mas por toda a parte há um desejo generalizado de autonomia em relação à América do Norte. Esse é um dos traços fundamentais do que chamo "revolução democrática e pacífica". Tanto da parte dos radicais (Venezuela, Equador, Paraguai, Bolívia, Nicarágua) como dos moderados (Brasil, Argentina, Chile, etc.).

12. Claro que há posições diferenciadas. A Venezuela, com o socialismo bolivariano, é mais radical do que o Brasil de Lula que se apresenta como mais moderado. Mas os dois líderes - com os quais conversei, sucessivamente, perante as câmaras da televisão portuguesa - dão-se particularmente bem, como pude constatar pessoalmente. E como ainda no passado dia 2 de Outubro ficou demonstrado, no Encontro de Manaus, onde estiveram reunidos com o Equador e a Bolívia para pôr em marcha o Banco do Sul (uma ideia de Chavez) e tornar Manaus no centro nevrálgico dos corredores terrestres e fluviais que vão ligar o Pacífico e o Atlântico, reduzindo de 15 para 9 milhas marítimas as exportações brasileiras.

13. Também foi criada a UNASUR (União das Nações Sul-Americanas), digamos a organização no campo político do que o Mercosur tem sido, com avanços e recuos, no campo económico.

14. A União Europeia que após a aprovação, pelos mais altos representantes políticos dos 27, do Tratado de Lisboa, ter ficado de novo paralisada pelo não no referendo irlandês, tem de compreender a importância que para ela reveste as relações com a Ibero América.

Espanha e Portugal, mais próximos, pela língua e pela cultura, do sub-continente americano, devem convencer os outros parceiros europeus dessa prioridade. Porque se trata para a Europa de uma verdadeira prioridade. Do meu ponto de vista, não o têm feito concreta e suficientemente.

15. Há dois países que se encontram numa situação alimentar particularmente difícil depois da passagem - e das devastações provocadas - pelos dois tufões, Gustavo e Ike: o Haiti e Cuba.

Com o agravamento para Cuba de estar numa fase difícil de transição, após o afastamento da liderança de Fidel Castro. A Europa tem o dever de ajudar no plano estritamente humanitário, Cuba e Haiti. Refira-se como curiosidade de onde chegaram as primeiras ajudas: da Rússia.

16. A América Latina é uma região do mundo das mais ricas em recursos naturais e humanos. Está toda ela destinada a ter uma situação de grande relevo porventura decisiva - em todos os aspectos - durante todo este nosso conturbado e inseguro século XXI.

Eis uma razão suplementar, para Portugal estar feliz de festejar, em liberdade, os dez anos da Casa da América Latina, em Lisboa, que tem representado um papel importante no relacionamento entre os nossos Povos, que temos de considerar irmãos.

Muito obrigado!

Lisboa, 6 de Outubro de 2008